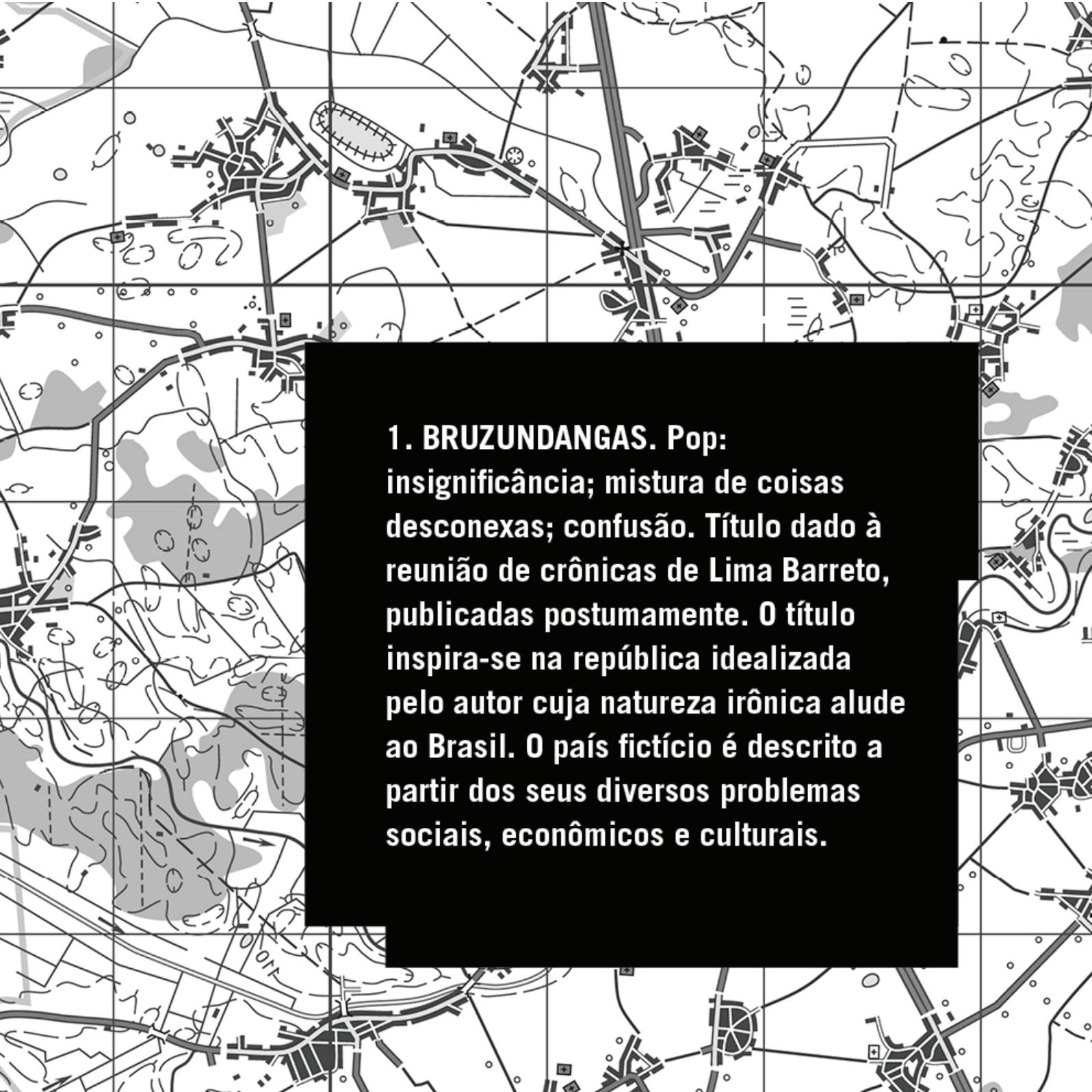


editorial



1. BRUZUNDANGAS. Pop:
insignificância; mistura de coisas
desconexas; confusão. Título dado à
reunião de crônicas de Lima Barreto,
publicadas postumamente. O título
inspira-se na república idealizada
pelo autor cuja natureza irônica alude
ao Brasil. O país fictício é descrito a
partir dos seus diversos problemas
sociais, econômicos e culturais.



a palavra em
>>> trã
si
limiãres
e fronteiras to:
na literatura
brasileira

Eduardo Marinho*
Marcílio Godoi**
Rafael Tahan***

* Graduado em Jornalismo (FASAM) e Letras-Português (USP), atualmente é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (DLCV-FFLCH-USP), onde realiza pesquisa sobre o romance *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, sob orientação do Prof. Dr. Vagner Camilo. Bolsista CAPES. E-mail: marinhoems@gmail.com.

** Arquiteto, jornalista e escritor, é mestre em Crítica Literária (PUC-SP) e aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (DLCV-FFLCH-USP), onde realiza pesquisa *Drummond: crítico literário*, sob orientação do Prof. Dr. Vagner Camilo. E-mail: marcilio.godoi@memoeditorial.com.br.

*** É poeta e possui graduação em Letras-Português (USP). Atualmente realiza mestrado sobre poesia contemporânea, em especial a obra *Yacala*, de Alberto da Cunha Melo, com orientação do Prof. Dr. Vagner Camilo. Publicou em 2015, pela Editora Scorecci, *Diálogo*. É bolsista CNPq. E-mail: rafaeltahan@hotmail.com

bruzundanga, ILHA DO ACASO, TERRA DO NUNCA

Um continente imaginário, como um apartamento, possui limites insondáveis. Uma terra desconhecida, como todo bom livro, também é dotada de limiares imperscrutáveis, a despeito de nosso vício incontornável de nos aventurarmos sempre, apaixonadamente, nessas vias de não se estar, em se estando.

É por estas paragens que a **Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira** convida seus leitores a se aventurarem. Esta edição é dividida em seis seções, cada uma delas recebendo o nome de um lugar imaginário – espaço nascido do engenho de artistas de diversos meios expressivos, cuja força demiúrgica foi capaz de criar ou transfigurar cidades e países, que passam a existir na região indefinida da ficção. Lugares ficcionais: uma zona em constante crescimento, cujas cartografias são desenhadas coletivamente pela comunidade de leitores do mundo, uma geografia imaginária sempre à espera de novos expedicionários.

Ao propormos lugares ficcionais como aberturas das seções desta edição de **Opiniões**, incitamos ao leitor considerar esse percurso sem pegadas, esse mapa cego, esse roteiro sem coordenada visível ou placa de acesso. Tarefa difícil como traçar a planta do espaço sob a escada d'O Aleph, cruzar a fronteira de Nárnia, anotar o endereço da farmácia em que Leopold Bloom comprou, em 1904, um sabonete de limão.

Sabemos, são remotíssimas as fronteiras do paraíso de Shangri-La, os vestígios dos muros de Atlântida, o portal de acesso ao País das Maravilhas ou Maracangalha. E igualmente imaginamos que seu traçado delirante pertença mesmo ao universo de utopias, ilusões e metafísica em que habitamos, leitores de revistas acadêmicas, como de resto todo homem humano.

Navegamos um semestre inteiro pelas rotas das ilhas Sonantes de Pantagruel, planamos nas asas do pássaro gigante de Simbad, o marujo, e até cochilamos um sono inquieto no ventre de Moby-Dick. Até que, agora há pouco, acordarmos na Biblioteca Florestan Fernandes, da FFLCH, seguros, dando de barato que estamos exatos no ponto em que deveríamos estar de nosso mapa: nos limiares líricos, esfumados, no subterrâneo de lava da Terra, em seu polo mais gelado e sombrio, no interior de dentro, na margem inexata do sonho, nas possibilidades infinitas do mito, flotando no Lethe, o rio do esquecimento, na ilha distópica de todas as nossas ilusões austrais, perdidas.

Entre duas representações fantasiosas não há separação ou reparação visível. Assim, podemos assegurar-lhes que passa-se gradual e espiritualmente de uma a outra, não sem um certo delicioso desespero, como Kublai Kan implorou a Marco Polo uma descrição ao menos, para que o Soberano pudesse enfim, e pelo espaço tempo de uma história narrada, sentir-se dono outra vez dos reinos que já lhe pertenciam.

Deslocados de nossos eixos cartográficos, cartesianos ou kafkanianos, estaremos sempre, Lemurólogos que somos, a vinte mil léguas ou a sete palmos do teto da capela Sistina, nessa grotta em que nos precipitamos diariamente, como Alice, Bartleby ou Augusto Matraga. Limiares, limites, travessias, passagens: a Opiniões convida seus leitores à aventura da linguagem, à zona crítica da poesia e da prosa, espaço de crise, de sátira e de celebração, de fuga e resistência.



Pasárgada, UTOPIA, PAÍS DOS ESPELHOS

A poesia segue desafiando a história literária. Aos esforços de periodização, de agrupamento em escolas e movimentos, aqui e ali escapam nomes e obras – ora por apresentarem desvios em relação a marcos e convenções, ora por abertamente contestar e subverter limites estéticos e sociais vigentes no tempo histórico. O signo poético desloca-se por múltiplos polos de significação, demandando de seu leitor uma escuta atenta ao aspecto sensível da palavra. O poema não cede ao desejo de interpretações unívocas, preferindo essa uma zona de indeterminação, seu habitat e natureza: a poesia sabe ser, não ser.

Para o número 12 a **Opiniões** apresenta ao leitor o dossiê temático **Nos limiares líricos**, um conjunto de artigos dedicados aos estudos dos momentos limiares da poesia no Brasil, momento em que o signo poético se apresenta carregado de tensões – sejam elas estéticas, históricas ou sociais. O limiar alude àquilo que demarca dois espaços, sem no entanto, separá-los completamente. Diferentemente da fronteira – que limita, separa e segrega – o limiar traz em si a ideia de movimento, de zonas de transição graduais ou abruptas, espaço da experimentação, da inflexão, da indecisão e da incerteza.

A seção dedicada ao dossiê **Nos limiares líricos**, rebatizada de **Pasárgada**, é composta por doze artigos. No artigo de abertura Manuella Miki Souza Araujo analisa os princípios alquímicos mobilizados para a representação e transfiguração do poeta negro em *Evocações*, de Cruz e Sousa, obra simbolista que habita a própria fronteira dos gêneros. Em seguida, Sylvia Tamie Anan retoma a recepção de Rainer Maria Rilke no Brasil e sua influência na Geração de 45, especialmente em Geir Campos. Adentrando o século XX, Paulo César de Toledo analisa a representação da favela carioca em dois poemas de Raul Bopp pertencentes à obra *Urucungo*, de 1932. Fernângela Silva, Lia Santos e Suzane Gomes, por sua vez, trazem um importante estudo sobre a cultura popular nordestina na poesia de juventude de Cecília Meireles, poemas publicados entre os anos 20 e 30 e que só foram reunidos em publicação recentemente, em 2015.

Em seguida, Elisa Domingues Coelho revisita “Áporo”, de Carlos Drummond de Andrade, poema em que o impasse se transforma em força motriz da criação poética. Já Livia de Sá Baião apresenta uma instigante leitura de “O burro e o boi no presépio”, conjunto de poemas de Guimarães Rosa, numa leitura que coloca em diálogo poesia e artes plásticas. O lugar limiar de João Cabral de Melo Neto, tensionado pela relação lírica/antilírica, é objeto de debate de Robson Deon e Marcos Hidemi Lima, que se concentram na análise do poema “Forte de Orange, Itamaracá”. Natasha Juliana Pereira analisa os aspectos formais e temáticos, nos dois primeiros livros de Vinícius de Moraes, conjugados na relação entre poesia erótica e culpa cristã.

Hilda Hilst, autora homenageada na Festa Literária de Paraty de 2018, é objeto de investigação de Andréa Jamilly Rodrigues Leitão, identificando nos “Poemas aos homens do nosso tempo” a resistência poética da autora no período da ditadura militar. Vinícius Prado investiga os conceitos de tempo, trauma e experiência em *Corola*, livro de poemas de Claudia Roquette-Pinto, publicado em 2001. Já Elvio Fernandes Gonçalves Junior estabelece, em seu artigo, um diálogo entre a produção poética de Manoel de Barros e os simbolistas e



surrealistas franceses a partir da temática do olhar. Encerrando o dossiê, Elizier Junior e Mayara Guimarães se perguntam – a propósito do escritor paraense Max Martins – se é possível considerar a poesia como um ato político de resistência.

Tomados em conjunto, é possível observar como o dossiê Nos limiões líricos constitui-se em torno das grandes questões que balizam as poéticas da modernidade, seja em sua faceta crítica e negativa, seja ainda nos processos de questionamento e rupturas com o as tradições do passado e com o tempo presente.

cocanha, OZ, YOKNAPATAWA

Na seção “Debate”, que leva o nome de *Cocanha*, o professor Jean Pierre Chauvin investiga a faceta crítica do poeta Manuel Bandeira, centrada sobretudo no ensaio introdutório à Apresentação da Poesia Brasileira, e na seleção e recorte que o poeta modernista faz do passado e de seus companheiros de geração.

lilliputh, COMBRAY, BAKER STREET

Lilliput é o nome da seção seguinte, que reúne quatro artigos de tema livre concentrados nas diversas modalidades de prosa de ficção e não-ficção brasileiras. Davi Lopes Villaça analisa uma crônica em que Antônio Prata rememora como foi o seu primeiro contato com a tragédia Romeu e Julieta, de William Shakespeare. Outra cronista analisada é Sílvia de Bittencourt, a Majoy, única mulher brasileira enviada à Itália para acompanhar a atuação do exército norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial. Luiz Henrique Moreira Soares e Adenize Franco analisam a representação da cidade contemporânea no romance de Carlos Henrique Schroeder, *As fantasias eletivas*, publicado em 2014. Encerra a seção o artigo de Elane Plácido e Roniê Rodrigues, que analisam a representação da loucura feminina no romance *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas*, publicado em 2002 pela escritora Maria José Silveira.



aleph, VILA VELHA, MACONDO

A seção de criação literária do presente número da **Opiniões** recebeu mais de quarenta submissões de textos, nas suas mais diversas formas expressivas. O critério de seleção utilizado pelos editores, além da qualidade estética dos textos, foi a multiplicidade temática, privilegiando sempre as perspectivas transversais, a fim de captar a flor multívoca da produção contemporânea de cultura lusófona. Mostrou-se complexo o desenho de uma seção aparentemente tão heteróclita, já que a produção contemporânea se expressa, emprestando as palavras de Drummond, n^{as} diferentes cores dos homens, nas diferentes dores dos homens”.

Em virtude disso, optamos por dividir a seção de criação literária em duas partes, a primeira, **O Aleph**, reúne o conjunto de produções em verso, a segunda, **Macondo**, a produção em prosa. O aspecto polimórfico destas seções se estende a todas as suas camadas: entre os textos publicados encontramos de autores premiados a estreantes. Escritores das mais distintas áreas, das mais variadas idades e com os mais diversos ofícios. Respeitados os múltiplos registros de linguagem, erguemos, por assim dizer, da ruína o monumento, mediante as mais diversas orientações culturais, filosóficas e políticas.

Partimos do pressuposto de que estar no limiar é estar ao mesmo tempo em algum lugar e em lugar algum. Por isso, devemos estar de ouvidos sempre atentos, pois é desse núcleo instável e matizado de onde irradia o coro de vozes díspares, algo ríspidas, algo copiosas, e, no entanto, sempre angustiadas, que se revelam o espectro poético da contemporaneidade, seu espectro político, sem limites verticais impositivos.

A fisionomia desse espectro se elabora, certas vezes, pela reposição do verso epódico ou a propósito de uma redondilha; pelo uso concreto, figurativo da mancha gráfica ou ainda pela disposição muitas vezes mimética das palavras em cada verso. Outras vezes pelo uso do terceto dantesco ou por tópicos como a máquina do mundo; pela evocação das musas que, pagãs, frequentam, algumas vezes, o versículo claudeliano, e até pela reposição do verso livre de feição dramática nas rubricas dos textos. Formas que, consolidadas no passado, afinal, tentam resistir ao tempo revelado no corpus da literatura contemporânea, talvez ainda na tentativa da descoberta desse pouco que talvez tenha ficado, um botão? um rato?

dogville, ILHA DOS AMORES, AVALON

Fecha a revista a seção **Dogville**, que traz duas resenhas sobre a produção editorial recente. Marcos Visnadi resenha a *Antologia da poesia erótica brasileira*, organizada por Eliane Robert Moraes, docente do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da USP. Maurício Silva, por sua vez, apresenta *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*, livro que é o desdobramento da tese de doutorado do professor da Unicamp Mário Augusto Medeiros da Silva.

sítio do pica-pau amarelo, OTÁVIA, ARKHAM

Para esta edição da **Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira** recebemos quase uma centena de contribuições para publicação, seja textos submetidos para integrar o dossiê ou a seção de artigos livres, seja ainda textos de criação literária. Ter contato com uma imensa gama de expressões e abordagens, vindas de 34 universidades diferentes, foi uma grata satisfação e um enorme desafio. Agradecemos a todos e todas que confiaram seus textos à revista.

Agradecemos também ao nosso corpo de pareceristas, que ultrapassou em muito a casa das centenas, e que com seriedade e compromisso contribuíram com autores e editores. Nosso muito obrigado à equipe do Instituto de Estudos Brasileiros, que gentilmente nos auxiliou na pesquisa de material artístico no Acervo Mário de Andrade. Os desenhos de Mário – esse escritor no limiar dos gêneros, das formas e do pensamento – ilustram a capa, a abertura e o encerramento da **Opiniões nº 12**. Ao SIBI-USP, na figura de André Serradas, pela atenção e apoio na parte técnica da revista, e à equipe administrativa da FFLCH: obrigado! Por fim, agradecemos também ao empenho e dedicação dos integrantes da comissão editorial e aos docentes do programa de pós-graduação que nos apoiaram nesta longa jornada.